1. COMUNICAÇÕES

Violência urbana – uma análise psico-histórica evolucionista

ELIEZER SCHNEIDER

A abordagem que eu vou dar não tem propriamente novidades, o assunto é conhecido e os nomes que mencionarei também são conhecidos, talvez um ou outro mais desconhecido.

Quero cumprimentar todos pelo interesse, porque aparentemente os psicólogos têm estado um pouco à margem dos problemas "macrossociais", os problemas de interesse público. Há inclusive um estigma em torno do psicólogo, o psicólogo se perde nos íntimos, na intimidade, na vida privada de cada psiquismo. Ele foge do mundo, ele como que se isola na introspecção, se isola na vida mental de seus clientes e pacientes. É realmente um estigma, que nós não podemos aceitar, e a razão desse procedimento é muito simples, há várias teorias e essas teorias acredito que se complementam. Não sou eclético, tenho inclusive uma prevenção muito grande contra as propostas ecléticas. O ecletismo é uma posição filosófica já antiga. É enganoso, pois nos faz fugir dos problemas, harmonizando-os, mas de fato não os enfrenta.

A idéia do termo eclético acho que não é redundante, não é repetição com outro nome, prefiro falar de abordagem unificada ou integrada.

Vamos então começar por uma tese que justifica o título da minha abordagem. Por que uma análise psico-histórica evolucionista? Há uma corrente que redescobriu a importância dos estudos históricos, no campo da psicologia e da ciência social em geral. Existe uma sociedade internacional da psico-história, onde participei do 2.º congresso em junho do ano passado, e tive a grata surpresa de verificar que os diligentes mentores dessa instituição são de grande abertura doutrinária, mas dominados realmente pela abordagem psicanalítica. A psicanálise é considerada como a grande fonte inicial, que chamam de psicanálise aplicada, aplicada ao estudo da sociedade da história, como sendo a grande proposta teórica, mas aceitam outras contribuições; a minha não foi estreitamente psicanalítica, embora fizesse uso na comunicação de conceitos como projeção, fantasia etc. De fato minha abordagem se inferiu muito mais da teoria da aprendizagem, da motivação; nem por isso fui agredido nem criticado, ao contrário, trataram-me muito bem, aceitaram uma voz discordante.

"Psico-história" não deve ser confundida com psicologia da história. "Psico-história" é a presença humana, a participação humana, nos fatos que muitas vezes são descritos como se houvesse entidades extra-humanas na vida pública, na vida social, na história da civilização. A história da civilização sem a presença humana, sem o argumento humano, é abstração. Freud começou a fazer isso muito cedo em *Totem e tabu*. Não me considero um erudito conhecedor das datas com muita precisão, nem tenho feito questão de conhecê-las com precisão. Tenho a impressão que *Moisés e o monoteísmo* fecha o ciclo de grande produtividade, e como vocês vêem tratam-se de obras em que se interpreta a origem da religião, a origem do controle social corretivo, controle social baseado em processos psicológicos interpessoais, sentimento de culpa.

É uma das teorias obrigatórias e Freud sustenta a posição que outros pensadores já haviam enunciado: a de que há na natureza humana uma tendência agressiva. Nós como que seríamos programados geneticamente para a agressão. Trata-se de ponto de vista que inclusive os biotipologistas, tipologistas como Eysenck e certamente os instintivistas sustentam na etologia em geral. Acredito que essa tese tenha grandes fundamentos e não considero a urbanização moderna, a revolução tecnológica como principal fator da agressividade humana. A urbanização e a densidade demográfica nas grandes cidades ilustram que havendo mais atritos, mais frustrações, mais choques, mais competições, mais privações, a agressividade natural vem à tona.

Agressividade não é fenômeno moderno, violência sempre existiu na sociedade humana. E para amenizar a exposição antes comentarei as teorias e as soluções que chamo de *parciais* que essas teorias propõem.

Vamos rapidamente fazer um apanhado panorâmico que é muito bem visto à luz da teoria da evolução e da abordagem "psico-histórica". Não precisa falar em Caim porque para muitos a história do fraticídio, primeira conhecida, é uma lenda, é um mito. Mas lenda ou mito, o escriba que inventou ou que escreveu a história deve ter recebido informações. A tradição deve ter informado que o homem era capaz de matar seu irmão.

Mas os dados muito mais precisos, muito menos enganosos, muito menos fantasiosos das pesquisas paleontológicas, das decifrações, inclusive uns que Lorenz menciona, indicam que no *Pithecanthropus erectus* havia indícios evidentes de violência.

E pré-humanos, quase humanos, já teriam sido belicosos, assassinos e antropófagos? Resta a questão dos horrores da história. Fazendo uma pequena invasão na pré-história, mediante dados que não são duvidosos, embora não sejam tão evidentes para os mais empiricamente rígidos, esses dados nos convencem de que realmente a agressividade teve valor de sobrevivência para indivíduos e grupos conforme sustentam biólogos, etólogos, biotipologistas. A agressividade teria valor de sobrevivência e acompanhou o homem desde os seus primórdios. Todos os historiadores e estudantes de história afirmam que a guerra acompanha a história da humanidade, desde os seus primórdios.

Lutas violentas, pela dominação como ocorre até entre os chimpanzés, antigamente considerados como os *hippies* da selva e que nada têm de *hippies* porque são bastante irascíveis, agressivos e os que têm ambições, violentos. O comando, o *status*, até entre animais gregários de ordem inferior na escala zoológica como os chimpanzés, até eles são apegados ao *status* e lutam pelo comando e são obedecidos e respeitados. Nem sempre é o mais forte, às vezes é o mais ruidoso, mais assanhado, mas depois que eles assumem o comando têm certos privilégios. Esse privilégio também implica ônus, obrigações sociais. A chefia nem sempre foi atividade, ambição, cobiça em função de interesses, de dominação, pura e simplesmente. Mas o chefe assumiu uma responsabilidade grupal coletiva, e até entre chimpanzés. Depois desta observação geral, de que a violência ocorre assim, podemos também imaginar que o processo de sedentarização e localização territorial de aldeamentos, de nômades guerreiros e caçadores, no que diz respeito à violência, também ocorreu. "A medida que passavam a dominar, a cultivar, e a criar animais e plantas, o problema de território passou a ser mais importante e a defesa do território ainda mais importante.

Os homens em qualquer fase da história sempre fabricaram armas, cercas, armadilhas e com isto não só se defendiam como também atacavam preventivamente, quando o estranho se aproximava. Isto foi outra constante. A palavra selvagem tem suas derivações: selvageria, bárbaro, barbaridade, a não ser quando se trata de um caso de amor e um jovem pode chamar a sua querida de bárbara, "você é bárbara": um elogio, mesmo que ela se chame Brígida. Contudo,

ninguém chamaria o seu bem-amado ou sua bem-amada de canibal, antropófaga, porque corre riscos muito grandes da fantasia se transformar em realidade.

É realmente um fato da história da linguagem que termos como esses tenham conotações de comportamentos horrorosos, atrozes, cometidos por estranhos contra estranhos, na busca de territórios, na busca de condições vantajosas de habitações, residência e segurança.

Tomando para civilização, temos a grande civilização romana, criadora do direito, um direito avançadíssimo, sofisticado, com princípios éticos, subjacentes, magníficos como o tal "do em dúvida pró-réu", isto é, o princípio de que o julgamento não pode ser feito às pressas, assim já se sabia da falibilidade da testemunha.

Pois bem, a *pax romana*, que *pax romana* era essa? Era a *pax belicosa*, era a *pax armada*, e uma *pax* da força bruta, força imposta como observou Freud numa análise inclusive léxica, usando naturalmente o alemão, força, poder. Inclusive o poder da justiça é fundamentado na força, eventualmente empregada ou pelo menos ostentada previamente. Justiça sem a presença judicial, armada, é inoperante, embora não se façam julgamentos públicos, nem se decida o voto do júri popular, na base de tiroteio.

A civilização está manchada de guerras de conquistas, guerras coloniais em que se invadia sumariamente territórios estranhos e ocupava-se pela força bruta das armas, impunha-se uma doutrinação, escravizava-se. Nós sabemos que nas guerras antigas não se fazia um prisioneiro porque ninguém ia sustentar prisioneiro, não havia ainda condições econômicas para exploração do trabalho prisioneiro. A escravidão foi uma violência duradoura e universal, e a servidão não foi também muito humana; mas vejam bem, da escravidão à servidão, com todas as guerras havidas, os tratados de paz, acordos, eram ou não respeitados, as violências cometidas depois das grandes revoluções, como a revolução francesa.

Vejam as violências que hoje são cometidas no Irã. E dizem que as violências cometidas pela monarquia absoluta do Pahlevi já foram superadas.

A história, portanto, é uma constante de violências, mas a violência urbana nos leva a problemas de criminalidade. Então a violência urbana implica um convívio mais próximo, mais direto com o aumento de frustrações, privações. As teorias do ponto de vista lógico, explicativo, são interessantes, mas pedem complementações e mais tempo de palestra. Acho que defendendo a tese de que sempre houve um controle social punitivo, cabia então sua autoria de planejamento cultural com controle positivo e outras soluções: Freud propondo o amor como antídoto da destrutividade da guerra.

Vou terminar com aquela fábula famosa em que os ratos, acossados por um gato sorrateiro, matreiro, voraz, reuniram-se em assembléia num local seguro. Mas reuniram-se nessa assembléia muito desorientados, quando um deles apresentou uma proposta que foi aplaudida freneticamente, cuja solução seria prenderem um guizo bem ruidoso no pescoço do gato, porque assim, quando ele se aproximasse ouviriam em tempo e escapariam. E a proposta foi escrita e aplaudiram muito, era a grande solução. Mas alguém mais pessimista, mas calejado, pediu a palavra e perguntou: como é que se vai colocar esse cordão com guizo no pescoço do gato?

Os ratos ficaram desolados, viram que não havia possibilidade. Nós estamos diante dessa realidade – as soluções parciais. Essas soluções parciais, que seriam interessantes, saem um tanto inviáveis; como colocar essas soluções em prática?

Aí volto àquela esperança de perspectiva psico-histórica evolucionista. O estudo comparado da história com todos os retrocessos violentíssimos demonstra uma tendência no progresso jurídico, legal, ético, social. Inclusive nós aqui estamos demonstrando esse progresso, porque estamos debatendo uma questão.

E a psico-história, estudo da história, comportamento humano, vêm demonstrando que esse horror, essa revolta, essa indignação, não precisam sempre se manifestar em linchamentos, porque nós não estamos linchando ninguém, estamos reunidos para discutir violência urbana, o que nos oferece uma esperança.

Acho que mesmo forçada cabe essa esperança, cabe o otimismo de que há uma tendência humana de que todos os que formam o movimento humanista situem-se nesse otimismo.

Acredito no progresso, no direito, no progresso das leis da consciência moral, não acredito que se chegue a amar os outros, uns aos outros, que todos se amem à primeira vista; isto acredito que é realmente um desejo ou um sonho. Mas que haja uma evolução no sentido do respeito, da cortesia, dos direitos humanos.

Terminando, não pude fundamentar-me em 15 minutos. Só pude realmente lançar teses e frases.